



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul

Brasil

dos Santos, Maria Cristina  
Conversas sobre o PPGH-PUCRS – 40 anos (1973-2013)  
Estudos Ibero-Americanos, vol. 39, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 180-197  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134629358011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## ENTREVISTA / *INTERVIEW*

# Conversas sobre o PPGH-PUCRS – 40 anos (1973-2013)

*Conversations about the PPGH-PUCRS – 40 years (1973-2013)*

Edição sobre as entrevistas com / Edition on interviews with  
Urbano Zilles, Sandra Brancato, Earle Macarthy, Núncia Constantino, Margareth Bakos,  
M<sup>a</sup> Lúcia Bastos Kern, René Gertz, Thadeu Weber e (and) Jorge Audy.

Maria Cristina dos Santos\*

Ao longo do primeiro semestre do presente ano, a revista *Estudos Ibero-Americanos* promoveu várias conversas sobre os quarenta anos do PPGH. Essas conversas foram guiadas por um roteiro criado para as entrevistas realizadas com os professores e gestores da universidade. O roteiro procurou abranger aspectos da criação da Pós-Graduação em História na PUCRS, das trajetórias pessoais da formação de pesquisador e das respectivas atuações no Programa. Buscou-se abordar questões específicas do papel desempenhado pelo PPGH no conjunto do desenvolvimento da Pós-Graduação brasileira, abordando-se também questões mais contemporâneas, como os atuais desafios da pós-graduação, o crescimento do número de titulados e do uso de palavras de ordem como “tecnologia”, “inovação” e “empreendedorismo”; chegando até alguns aspectos pitorescos, guardados pela memória, sobre esse longo tempo. O total das entrevistas oferece um panorama do desenvolvimento da Área de História e de seus questionamentos mais constantes. Os depoimentos completos com as respectivas transcrições e autorizações estão sob a guarda do Laboratório de História Oral do PPGH e, como parte de seu Acervo, estão disponíveis para consulta.

Na edição deste primeiro número foram selecionados fragmentos das entrevistas de maneira a apresentar o processo de criação e estruturação do PPGH. Neste primeiro número publicamos trechos das entrevistas com os professores Earle Macarthy Moreira, Sandra Lubisco Brancato, René Gertz, Maria Lúcia Bastos Kern, Margaret Marchiori Bakos e Núncia

\* Editora da Revista *Estudos Ibero-Americanos*. Realização e edição das entrevistas.

Santoro de Constantino. Constam também partes dos depoimentos de Thadeu Weber, Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de 1997 a 2004 e dos Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, Jorge L. Nicolas Audy (2004-2012) e do monsenhor Urbano Zilles (1987-2004), que atuou como Diretor da FFCH no período de 1979 a 1987.

## Criação do PPGH

□ Quando começou essa ideia de Pós-Graduação em História aqui, [...] a principal dificuldade foi criar o Curso e não ter pessoas com titulação para lecionar no Curso de Pós-Graduação. Então houve uma situação de improviso, muito meritória, porque chegou a dar um empurrão inicial, onde se buscou professores de áreas afins, que pudesse dar aula num curso de pós-graduação em História. Então nós tivemos professores que vieram de fora. Porque o fato da PUC não ter professores com qualificação suficiente não era uma situação única daqui. Não havia em Porto Alegre. Então se chamou muita gente de fora. Veio gente, por exemplo, da Argentina, da Espanha, enfim. E o interessante é que boa parte desses professores de fora, não eram exatamente historiadores, mas sim de áreas afins, como Literatura e Artes. Na verdade, essa primeira turma de mestrado aqui, enfrentou esse problema: não tínhamos ainda doutores em História. Por aí se deu um empurrão inicial para o Pós-Graduação em História. Num segundo momento, aí sim da tua pergunta, então começou o pessoal daqui começou a sair, para fazer o doutorado em História e poder atender ao Curso de Pós-Graduação. Esse momento inicial, em que se buscava gente de áreas afins, foi muito difícil. Por uma questão de justiça, é preciso referir a vontade de fazer e ao apoio dado pelo Ir. Otão, que era o Reitor da universidade. Era um homem de outra área, mas com uma sensibilidade muito grande para perceber os rumos que a universidade brasileira tomaria e entender que ou se tem professores qualificados, programas de pós-graduação ou perdemos o trem da história. Então ele apoiou isso, e ele como Reitor, claro, tinha todas as condições e afirmava: é para fazer, sim. Outra pessoa que não se pode deixar de citar é o Ir. Elvo Clemente. Infelizmente, essas pessoas de quem falo não estão mais entre nós. O Ir. Elvo Clemente era da área de Letras, foi um dos que deu aula aqui no Pós no início. Era uma pessoa extremamente empreendedora, também, vestiu a camiseta, e vamos fazer! Assim ele era para tudo, primeiro ele dizia 'vamos fazer' depois ele ia pensar nos meios para fazer. Então o Ir. Elvo foi uma

pessoa também que apoiou muito nessa fase inicial. E, deixando de fora, as relações familiares, falo aqui de colegas, o professor Braz também ajudou muito. Ele percebeu, junto com os demais, o quanto era importante fazer um curso de pós-graduação, com um pessoal nosso e qualificado. Então houve essa primeira fase em que os contatos que se tinha fora ajudaram. Posso até colocar como uma curiosidade, que na verdade esse curso de Pós-Graduação foi criado dentro da minha casa. Foi num encontro com o Ir. Otão, o professor Zilles, o Ir. Elvo e mais o Braz. O Ir. Otão gostava muito de fazer reuniões fora do recinto da universidade, uma coisa mais informal, mas com resultados práticos. E foi lá que ele bateu a canetinha Bic dele, sem querer fazer comercial, mas era a que ele usava, e dizia ‘vamos fazer, sim’. Então repetindo, antes dessa fase nossa, da prata da casa digamos, nós tivemos uma fase anterior, quando se usou esses recursos. Com a coragem de alguns e a coragem e a autoridade de outros. Porque havia os que tinham coragem, mas não tinham independência, não tinham autonomia para decidir as coisas. Podiam dar boas ideias e empurrões em pessoas chaves. (Sandra Brancato, 03/06/2013)

□ A criação do PPGH, como os demais cursos de pós-graduação na época, era uma coisa muito aberta. O próprio pró-reitor da época não tinha feito curso de pós-graduação, então ele imaginava uma coisa muito vaga. Ele precisava de ajuda para montar os Cursos, esses vinham, em geral, de um grupo de pessoas que não tinham nenhum tipo de pós-graduação, nem especialização nenhuma. Aí era preciso não só saber montar os projetos como buscar os recursos humanos que simplesmente inexistiam. Nesse sentido, havia muito trabalho, mas dava gosto, porque a gente podia fazer. O espírito era outro, a legislação também não era muito pertinente, porque a legislação dos cursos de pós-graduação aqui no Brasil é posterior, de 1977. Nesse sentido, era um campo aberto para ser cultivado (...). A Pós-Graduação de História nasceu do idealismo, era um sonho do Departamento de História. Eu fui professor do Programa porque não tinham professores. Dei cursos nas primeiras turmas da História. As aulas eram ali no prédio da Reitoria, porque não tinha outro lugar. Depois, quando o curso foi credenciado, ainda faltava professor para a área de Artes. E como eu já estava credenciado no Programa de Letras, eu me indiquei como professor no recurso para o credenciamento, só que nunca dei aulas, claro. Aí comecei a buscar professores com titulação, que é o caso da Maria Lúcia e o marido, para dar essas disciplinas aqui (...). (Mons. Urbano Zilles, 03/04/2013)

- Bom, eu tinha terminado a graduação (...). E em 1973, surgiu este especialização aqui na PUCRS, que foi em grande parte criado pelo Braz. Eu acho que teve apoio também do irmão Elvo, além do Zilles. Aí Arno e eu, começamos a fazer junto com a Sandra e o Braz além de diversos professores da UFRGS. Na época não havia professores com titulação aqui em Porto Alegre. Então foi chamada a Déa Fenelon e outros professores do México, da Espanha, etc (M<sup>a</sup> Lúcia Bastos Kern, 19/04/2013).
- Esse curso tem uma particularidade: É o primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* na área de História no Rio Grande do Sul. Não me aventuro a ir para Santa Catarina, mas dentro do Rio Grande do Sul, com certeza. Veja os primeiros mestrandos habilitados. Se olharem a relação das defesas daqui, esse primeiro Mestrado foi o que povoou algumas universidades do Rio Grande do Sul e alhures no resto do Brasil. Inclusive a nossa companheira aqui, a Universidade Federal. Essa primeira turma de Mestrado teve historiadoras que depois tiveram grande destaque, por exemplo, a Sandra Pesavento, a Sílvia Petersen, a Luíza Kliemann, a Heloísa Reichel. Essa turma toda tinha os mesmos problemas que nós. Ou seja, não tinha titulação e, para existir um curso de pós-graduação as pessoas tinham que estar tituladas. (Earle Diniz Macarthy Moreira, 03/06/2013)
- Houve coisas muito curiosas, que eu me lembro, já que você tocou no assunto. Não tinha espaço para dar aulas, muito menos para a Secretaria, para os professores então, nem pensar. Quando eu assumi a direção da Faculdade de Filosofia, havia uma sala para os professores, mas não havia sala separada para a direção nem para os coordenadores de departamento. Então, a primeira coisa era criar um espaço físico adequado. Quando se tratou de criar as primeiras turmas de Pós-Graduação de História e Filosofia, não tinha sala para dar aulas. Então, a gente procurava receber os alunos no portão de entrada, para dizer em que sala eles estavam. Quando começou o PPGH, a Secretaria funcionava no prédio das Letras, sim porque não tinha outro lugar. Quando aqui (prédio 03) ficou vago, se quis mudar o PG de História para cá, houve muita discussão, se tergiversou muito. Mas, não tinha outro lugar na universidade para colocar o Programa. Então me lembro que os professores optaram para vir prá cá, e eu simplesmente decidi que o PPGH viria para cá. Depois a Reitoria veio me pedir satisfação: pude fazer, tanto assim que eu fiz, foi o que eu disse como resposta. (Mons. Urbano Zilles, 03/04/2013)

□ Eu dei aula, por serviços prestados em 1981. Depois, a partir de 1982, fui contratado, e estou há mais de 30 anos ligado ao curso. Na verdade, o curso, quando eu cheguei, havia sido montado, originalmente, com professores vindos de fora, havia um centro de interesse, digamos assim, de estudos ibero-americanos. Pelo que eu sei, a PUCRS teve um dos poucos cursos de História onde teve especificamente História da Espanha e de Portugal, que não é normal ter nos cursos de História por aí. Então, o foco era este, os professores, inclusive, vinham do exterior, de países latino-americanos. Lembro que havia ao menos um professor do Uruguai, do Peru, uma coisa assim, e outros do centro do país. Era este o funcionamento, basicamente, nos anos 1970. Em grande parte, as disciplinas, pelo que eu ouvi falar, eram em caráter intensivo. Esses professores vinham, ficavam uma semana ou duas semanas aqui, davam uma aula. Porque o próprio curso não tinha nem massa crítica, ou seja, professores “formados”. Quando eu cheguei, a coordenadora era uma mestre, a professora Luiza Kliemann, que estava se preparando para entrar no doutorado, ou tinha entrado recentemente. Estava justamente ocorrendo esta transição. Estavam chamando professores. O casal [Arno e Maria Lúcia] Kern, por exemplo, tinha recentemente vindo da França, com doutorado. Então, estava passando a fase de “escassear” os professores que vinham de fora, e constituir um grupo autóctone. Pouco tempo depois, o professor Braz e a professora Sandra Brancato, foram fazer doutorado. A gente tinha dois professores que eram livres-docentes, ou três até. O professor [João José] Planella, que não tinha doutorado, este doutorado formal, mas tinha livre-docência, o professor [Earle Diniz] Macarthy [Moreira], a mesma coisa; e também estava o professor [Reinholdo Aloysio] Ullmann, que era um antropólogo da faculdade, ele também estava dando aula. Depois tinha o professor [Olírio Plínio] Colombo, este eu acho que tinha doutorado em Filosofia, ele dava uma aula de Filosofia da História. Então era isso, o momento em que eu entrei, talvez até por isso eu entrei, ou fui convidado, de alguma forma, porque estava ocorrendo esta transição de um corpo docente de fora da universidade para tentar construir um professorado de um corpo docente local, enfim, da própria instituição. (René Gertz, 10/04/2013)

## **Desafios da formação em pesquisa**

□ Bom, quando eu comecei a pensar em pesquisa fui para o mestrado em Educação. Naquele momento, era dificilíssimo fazer um mestrado.

Não tínhamos uma pausa no trabalho; era sacrificado estudar. Até recebi meia bolsa para fazer o curso, mas não ganhei uma hora de dispensa. Fiz uma dissertação de mestrado dando aula como horista, e, no dia que defendi a dissertação, lembro que precisei arranjar alguém para me substituir na sala de aula. (...) Isso retrata muito bem o que era à época a concepção de pesquisa, ou seja, o que não era. A pesquisa surgia entre nós naquele momento; a PUC possuía uma tradição fantástica em formar professores; nós sempre fomos muito bons nisso. Na parte de formação de pesquisadores, iríamos recém começar por volta de 72, 73. Apenas alguma coisinha, sendo que as dificuldades eram muitas. Até que esses programas de pós-graduação fossem efetivamente implantados, até que as pessoas entendessem bem o que era o Pós-Graduação, a pesquisa. (Núncia Constantino, 08/04/2013)

□ E sempre gostei muito de arte, direcionando a minha formação para o campo da História da Arte. O curso de especialização que fiz aqui foi bem interessante, porque abordou questões que eu já começava a trabalhar na vida prática. Eu terminei a minha graduação e já estava trabalhando em escola nesta época. Também trabalhei na Faculdade Porto-Alegrense antes de começar aqui, e na UNISINOS, no curso de Arquitetura. Foi paralela a esta formação de pós-graduação, na época a gente não tinha bolsa e tinha que trabalhar e fazer o curso, fim de semana eu tinha que fazer as monografias, que eram grandes. (M<sup>a</sup> Lúcia Bastos Kern, 19/04/2013)

□ Quando eu me formei, finalmente em 1974, quer dizer, com este período estendido, foi o ano em que o curso daqui efetivamente começou, mas eu não tomei conhecimento dele. Então o que eu fiz, quando terminei o curso, a partir de 1975, eu ingressei no mestrado em Ciência Política da UFRGS, até porque lá tinha um professor, o professor Hélgio Trindade, que tinha trabalhado com integralismo, que era uma coisa que eu queria estudar. Então eu fiz Mestrado em Ciência Política na UFRGS, e depois eu ganhei uma bolsa, a partir de 1978, eu fui para a Alemanha fazer Doutorado. Como eu tinha tido aqui um Mestrado em Ciência Política, o meu interesse era a História, e meu tema era de História, quer dizer, um tema sobre o passado. Como no sistema alemão se eu tivesse reconhecido o meu mestrado daqui facilitaria muito o doutorado lá – que, a rigor, ele te dispensa praticamente de fazer créditos. Tu frequentas aulas, mas não há necessidade de comprovação de avaliação, e isto era uma coisa que me

facilitava muito. Então, o que eu fiz? Eu pedi, lá, ingresso no doutorado em Ciência Política, também, apesar de que continuava acompanhando muito as coisas da História. Na Alemanha, naquele momento, em 1975, tinha sido fundada a famosa revista *Geschichte und Gesellschaft* – História e Sociedade –, que tinha sido a manifestação de um novo grupo de historiadores da História Social. A História alemã tinha uma tradição muito grande de História Política e de História Cultural, mas História Social, a rigor, não era uma coisa usual. Neste sentido, esta escola, em 1978, quando cheguei à Alemanha, estava nos primeiros anos. Mas estava começando a “dar as cartas”, como deu durante 25 anos. Hoje está em crise, hoje em dia a Ciência Social Histórica – assim ela se autoclassificava –, que é esta escola, ela está sendo criticada, enfim está tentando se defender. Está em crise, mas neste momento estava iniciando a sua – eu diria – gloriosa ascensão como “a” História da Alemanha. E eu acompanhei isto. Significava, também, estudar, por exemplo, Weber. Frequentei vários seminários sobre Weber, por quê? Porque estes historiadores estavam, naquela situação, de fazer a crítica da História da Alemanha Ocidental, mas também da História que se fazia do outro lado do “muro”. Que era um marxismo rasteiro, enfim, oficial. E eles faziam questão de recuperar o Weber como o grande modelo a ser seguido, tanto em termos de visão de mundo, de visão de sociedade, quanto em termos de metodologia. Então eu assisti a vários seminários sobre Weber em função desta escola que estava em evidência. (René Gertz, 10/04/2013)

□ Em 1973 eu já estava planejando fazer um curso de pós-graduação. E fiz parte da primeira turma desse curso, com muita honra (...). Depois, eu tive uma sorte muito grande de ser levada por uma grande amiga, que também faz parte da história do Pós-Graduação, que é a Luíza Kliemann, a enfrentar os desafios de fazer um doutorado na USP. Nós formávamos uma dupla bastante unida e os nossos colegas diziam: cuidado! Não deixem chegar mais um, porque três gaúchos já fazem uma revolução! E foi esse enfrentamento em São Paulo: essas diferenças que notávamos, e que eles notavam em nós, que fez crescer muito a minha consciência de historiadora brasileira. Antes disso, eu tive um período no exterior, acompanhando meu marido, ele com uma bolsa de estudos, eu fazendo cursos eventuais na Universidade de Cambridge, e lá eu tive contato com a História propriamente dita. Contato com excelentes professores, entre eles, por exemplo, o Hobsbawm. Eu fiz um curso intensivo com ele, sobre a classe trabalhadora na Europa, que não se falava no Brasil, que

vivíamos em plena época de fechamento político. (Margaret M. Bakos, 10/05/2013)

□ Era interessante porque a gente tinha que discutir e criava espaço. Mas isso não era só na nossa universidade, era no Brasil inteiro. Veja em 1976, quando saiu a lei de Livre-Docência, que muitas vezes, foram livres-indecências. Muitas vezes acontecia que nas Bancas tinham professores recém-saídos da Graduação, que não tinham feito nem um curso de pós-graduação. Aí o Geisel fez aquela lei que só Doutores podiam examinar concursos de livre-docência. Mas aí não tinha doutores, nem nas federais, nem nas particulares aqui no Sul. Num ano eu examinei 43 concursos de livre-docência aqui no Sul; e cada concurso era de três a quatro dias de provas. Eram outros tempos, mas era interessante. (Mons. Urbano Zilles, 03/04/2013)

□ Pois então, eu fiz meu doutorado nos anos 80, na Universidade Complutense de Madri. E foi uma experiência muito rica. Eu sofri o impacto de chegar numa universidade que tinha um perfil bem diferente da minha de origem. Saí daqui e cheguei numa universidade de séculos, monstruosa [de grande]. Começando, por exemplo, com a disponibilidade bibliográfica. Quer dizer, não só havia uma biblioteca por setores como a Biblioteca geral da universidade, onde realmente se lia, e se estava atualizada. Era uma Espanha de outros tempos. Hoje não sei como estará, acredito que não muito bem, mas enfim, naquela época estava bastante bem. Tive a sorte de ter contatos com professores que vinham de uma Escola muito qualificada; no sentido de serem pessoas que batalharam, leram e construíram muito. Eram verdadeiras Encyclopédias. O Don Manuel Ballesteros, era meu Orientador, que era uma referência na universidade espanhola. E ainda é, com certeza. Aprendi muito com ele. Depois com colegas mais jovens também. Claro, ele já era uma pessoa, relativamente idosa, tinha muito saber; mas também talvez com alguma dificuldade de acompanhar as últimas tendências daquela época. Isso não desfazia a qualidade intelectual dele, de maneira nenhuma. Digamos que foi um complemento, o contato com colegas mais jovens com quem eu pude privar [da companhia] tanto na universidade como fora dela, por portas abertas pelo próprio D. Manuel. Então, eu pude aprender muito ali. E a diferença com a nossa universidade, era que realmente a PUC era uma jovem universidade, um bebê [em comparação com a Complutense]. Então o contraste veio mesmo por aí. Claro que, aos poucos a PUC foi crescendo e hoje, com

certeza, eu não vejo mais aquela universidade daqueles anos. A PUC deu um salto de qualidade e hoje é uma universidade de referência nacional e internacional, classificação que na época não tinha. Então o contraste foi um pouco isso, ter contato com uma universidade muito aparelhada, com uma Biblioteca excelente, com um Orientador de muita experiência, vinda de uma universidade jovem que não tinha esse perfil ainda. (Sandra Brancato, 03/06/2013)

### **Desenvolvimento da Pós-Graduação brasileira [e do PPGH]**

□ É justo que se coloque aqui, uma pessoa que foi um dinâmo nacional que foi o Eurípedes Simões de Paula. O Professor Eurípedes de São Paulo, também a Anita Novinski. Foi quando se criou a ANPUH –Associação Nacional dos Professores Universitários de História- que se reunia anualmente. Então essas trocas se faziam nesses encontros, uma vez em São Paulo, outra no Rio de Janeiro, outra em Recife. A Associação fez uma articulação em que os novos iam se agregando, não havia exclusões. Todos eram bem recebidos e aprendíamos muito. (...) Ao longo dos anos, a ANPUH tomou um rumo em que a pauta girou muito em cima da profissão de Historiador. (...) Mas o Pós-Graduação da PUC estava inserido nisso e era um motor atuante. O PPGH participou de toda essa articulação, dessa elaboração de quadros, de pesquisa e desenvolvimento de áreas que estavam escoradas e que passaram a ter protagonismo. (Earle Macarthy, 03/06/2013)

□ Junto com a ANPUH, tinha a Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, a SBPH. Essa Sociedade não tinha um campo tão vasto como a ANPUH. Ela era mais restrita, e talvez por isso o diálogo ali fosse mais direto. Era um grupo muito bom, durante muito tempo que se utilizava desses espaços para fazer essas trocas. Então as trocas não se faziam só pelas relações, pelas amizades, mas no âmbito desses Congressos, que posteriormente terminaram alguns deles, sendo megacongressos, daí, acho, perdeu um pouco dessa coisa mais coloquial. A SBPH era para quem estava interessado na pesquisa. (Sandra Brancato, 03/06/2013)

□ Eu vejo assim: Em 1988 eu já era pró-reitor, então eu acompanhei de perto o desenvolvimento da pós-graduação, da Comissão da Capes. (...). Provavelmente uma das coisas que pesou para me procurarem para ser Pró-Reitor foi a maneira como transformei a Faculdade de

Filosofia e Ciências Humanas. E o fiz mandando estudar. Como Diretor eu passei mandando as pessoas irem estudar, até os meus assessores mais próximos, mandei estudar. Não prá me ver livre deles, mas para construir bases mais sólidas. Se hoje o Programa de História e de Filosofia são sólidos é porque se trabalhou por muito tempo, se investiu muito, não só em recursos humanos, mas também na área da Biblioteca, para dar recursos e equipamentos para estudo. Eu também tive uma estrela de sorte. Quando eu assumi a Pró-Reitoria, o primeiro projeto que fiz ainda nas férias, numa mesinha de aula foi o projeto de qualificação do corpo docente. Quando fui fazer o levantamento de quantos titulados nós, de fato, tínhamos, chegou à conclusão que só tínhamos 31 Doutores e 31 livre-docentes em toda a universidade. Isso foi um choque, porque na estatística nós tínhamos muitos Doutores. Aí eu procurei ver como é que se chegava a números astronômicos de Doutores: esses poucos doutores que tínhamos atuavam em oito ou nove Programas e em cada Programa eles eram contados, então se somava os titulados de cada Programa e apareciam os mesmos professores várias vezes. Quando fui ver: eu não era um, eu era oito, outros eram nove. Então, a primeira coisa foi era limpar a área, a segunda coisa foi buscar verbas, bolsas, para qualificar os professores, mandar fazer o Doutorado em boas universidades no exterior, ali foi o começo. E aí, o Ministério abriu, no primeiro ano, um programa de financiar a capacitação de docentes universitários para fazerem o Mestrado e o Doutorado. E o meu projeto, que estava bem construído, foi um dos primeiros contemplados. Em dois ou três anos depois, se transformou, para a própria PUC, na prioridade nº 1 com o título Mil para o ano 2000. Aí me escolheram para ser presidente do Fórum Regional dos Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação. (...). Até protelei por uma sessão, mas depois aceitei. Foi quando surgiu a primeira questão: como é que nós vamos qualificar nossos professores? Sobretudo nas universidades comunitárias do estado, onde eu estava. Como na época eu tinha boas relações com pessoal da UFRGS e da CAPES, nós trabalhávamos muito em conjunto, desde Hélio Trindade quando era Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação na UFRGS, depois com o Abílio Baeta Neves, que hoje está na PUCRS, (...), depois o Scheffer e outros. Tanto assim, que quando nós íamos à Brasília, na época não tinha celular nem internet, a gente ligava um para o outro e pedia para quem fosse que olhasse como estavam os nossos processos. Um resolvia os problemas para os outros, chegamos a esse ponto de colaboração. (Mons. Urbano Zilles, 03/04/2013)

□ Eu acho que no campo da própria Instituição. Quando voltamos do Doutorado, nós sempre dizíamos que a PUCRS era um colegião. Ainda era um grande colégio, havia uma dificuldade muito grande entre a Pós-Graduação e a Graduação, os colegas que trabalhavam nesses dois cursos, de graduação e pós-graduação, as direções muitas vezes, não é o caso do professor Zilles, mas enfim, no campo administrativo ainda não havia uma mentalidade como existe hoje. Eu acho que enfim, hoje a universidade está muito mais voltada para o apoio ao pesquisador, ao estímulo e a criação de novos programas de pós-graduação, uma política voltada justamente à pesquisa, e o contato também internacional que a universidade tem propiciado. E no início, é claro, lá na década de 1980 tudo era mais difícil, até porque os chefes de departamento, sobretudo, não tinham pós-graduação, nem mestrado muitas vezes, e dificultavam nosso trabalho. (...). Na época era o mestrado, então havia este problema de divergências internas, até que todos os colegas se deram conta que tinham que fazer sua formação e hoje nós temos um departamento só de doutores, praticamente. Com isto, acho que o diálogo entre graduação e pós-graduação foi um alívio, porque era um problema de atrito que acabava nos limitando em termos de produção. (...). Até para tirar xerox da teses no momento do credenciamento era difícil! Então, as vezes, a gente tinha que tomar rumos diretos a reitoria. Isso aí deu muito ‘pano pra manga’, houve até ameaças que iria terminar com a pós-graduação. Que era um incômodo. Até que nós fizemos uma reunião com o reitor e botamos “os pontos nos is” Vamos credenciar ou não este curso? Porque se o curso vai terminar, não tem porque a gente credenciar, nem precisa todo este trabalho que a gente está tendo para a institucionalização do doutorado. O reitor ficou impactado. (M<sup>a</sup> Lúcia Bastos Kern, 19/04/2013)

□ Eu penso que as pessoas imaginam que a massa das pessoas que entram na pós-graduação tem a pretensão de serem professores universitários, simplesmente esse viés, ou esta cultura do status de professor universitário ainda está muito presente na cultura, talvez de todo o mundo, eu não sei isso, mas no Brasil, em todo o caso. E eu acho que a gente vai ter que começar a dizer para as pessoas que este mercado tem limites, e que é preciso que as pessoas se preparem pensando em outras áreas de trabalho. Isso a gente está discutindo de uma maneira geral. As pessoas que fazem pós-graduação fora, quando voltam, procuram um concurso para uma universidade. E as instituições de pesquisa, é claro, são limitadas, sobretudo na História, mais do

que nas outras áreas das Ciências Humanas, na Ciência Política, na Sociologia, na Antropologia, onde tu tens mais possibilidades. Mas nós precisamos ter as nossas instituições, por exemplo, de guarda, os centros de memória, de ter não um diretor qualquer, mas um mestre em História como diretor dos nossos museus, das nossas instituições de maneira geral, aqui do Rio Grande do Sul. Também não sei se precisaria para isso, eventualmente, mudar o próprio enfoque daquilo que se faz, mas existem muitas pessoas que fazem dissertações sobre. Nós temos tido casos assim, eu me lembro aqui o pessoal dos museus novos que foram criados. Por exemplo, o Museu de História da Medicina, nós tivemos uma doutora em História, que não fez [o curso] conosco, mas uma doutora que organizou aquilo ali. Eu acho que é isso, as pessoas precisam pensar um pouco nesta coisa de que a História saia “para a rua”. Porque ainda está muito difícil o diálogo entre a opinião pública e a produção de historiográfica. (...). Eu diria que muitas vezes é complicado a gente ter aquilo que se chama a cultura historiográfica, a visão daquilo que é a História, do como aconteceu a evolução histórica do Rio Grande do Sul, isso a pesquisa histórica ainda está influenciando muito pouco na opinião pública. (...). A História que nós contamos – e nós somos pagos para contar a História – é, eventualmente, um pouco diferente, um pouco melhor, isso ainda não está na opinião pública. A História na Europa tem programas, inclusive canais de História na televisão, mas entre nós aqui, concretamente no Rio Grande do Sul, a difusão da História para um público mais amplo é muito restrita. (René Gertz, 10/04/2013)

□ Minha percepção hoje, com todo o acúmulo de informações e conhecimentos nesse período todo que eu tive atuando aqui na PUCRS, nesses últimos trinta anos; tenho muito claro, que a PUCRS na sua dimensão de Universidade, com “U” maiúsculo, de pesquisa, de Pós-Graduação; teve dois momentos: antes, de o Monsenhor Zilles assumir a Pró-Reitoria, e o momento depois que ele passou pela Pró-Reitoria. A grande mudança da universidade como um todo; de um colegião para uma grande universidade se dá, pela gestão do Monsenhor Zilles e do Ir. Norberto, e a forma como eles enxergam e lidam e fazem crescer e florescer a área de Pós-Graduação. Nossos primeiros cursos são todos do final da década de 1960. Em 1969 surgiram os primeiros cursos de pós-graduação de Letras e Odontologia e, depois, já foi História em 1973, com o Mestrado. Depois, no meio da década de 1980 veio o Doutorado em História e outros. Então acho que, esse período de meados dos anos 1980 até o final dos anos 90, é o período histórico, decisivo, para essa

transformação da universidade. De uma universidade, tal como muitos de nós que atuamos na área de pós-graduação e pesquisa, entendemos como universidade. A universidade da pesquisa, do foco da geração de conhecimento, e também na socialização desse conhecimento por meio do Ensino, passa a ter uma força e uma importância equivalentes. Ou seja, uma universidade realmente! Onde o Ensino e a Pesquisa se complementam e a universidade se define a partir de sua atuação no Ensino e Pesquisa. Ou seja, um Ensino cada vez mais de qualidade e uma Pesquisa cada vez mais relevante. Então acho que a mudança é brutal daquela época! Acho que a gente passou de um belo colégio de terceiro grau para uma grande universidade, ou pelo menos a pretensão; nossa intenção, [de] um sonho, de construirmos uma grande universidade; nesse período que vem depois da transição que Monsenhor faz na área de Pesquisa e Pós-Graduação. (Jorge Nicolas Audy, 26/04/2013)

□ Dos programas de pós-graduação eu conheço mais o campo de Artes como tu colocaste. Houve um crescimento muito grande porque, como eu disse, surgiu na USP depois ele passou por uma fase de crise muito grande, porque os grandes professores saíram e aí eles dividiram esta área em música, teatro e artes visuais, e daí ficou muito desorganizado, baixaram nota, enfim. Hoje não, houve uma recuperação. Aí só havia no Rio, mestrado, e aqui em Porto Alegre. Hoje se a gente pensar que tem trinta e tantos programas de pós-graduação! Houve um crescimento inclusive no Nordeste, Recife já tem mestrado, na Bahia tem mestrado e doutorado. Então é uma área que cresceu bastante e a maior dificuldade era a pesquisa de artista, feita por artista, quer dizer: Como o artista faz um projeto de pesquisa, trabalha conceitualmente e revisa o que foi feito por outros artistas em determinadas questões, melancolia, ou questões técnicas, enfim. Tem saído trabalhos muito, muito interessantes, inclusive no campo tecnológico, como por exemplo: artistas estão criando a partir da arte conectada com o computador, com a informática, um campo que se chama de Arte Numérica. Têm sido criados novas tecnologias e o que eu acho bastante interessante, porque a grande preocupação do CNPq é o Produto. Como nós podemos tornar este produto rentável. Não só a pesquisa tem que ser inventiva, a grande discussão é se a pesquisa é inventiva. No campo das Humanas também, e ao mesmo tempo, o resultado dela em termos financeiros. O retorno pragmático desta pesquisa. Nós estávamos comentando, como se dá a difusão da pesquisa? Os museus têm, sobretudo nos grandes centros, um papel muito importante na educação da população, e ao mesmo tempo na produção de

grandes exposições e publicação de catálogos, e em cima disso também saem novas pesquisas. Quer dizer, indústria do livro cresceu muito no país. Acho que é uma das formas da gente mostrar que há pesquisas nas nossas áreas de humanas, tem possibilidade de crescimento. Mas o problema é vender isso. Como mostrar para os técnicos do CNPq que Arte é importante. (M<sup>a</sup> Lúcia Bastos Kern, 19/04/2013)

### **Dificuldades em permanecer: ajustes, improvisos, credenciamento, recredenciamento**

□ Por exemplo, quando a Luíza Kliemann foi coordenadora do PPGH veio a avaliação com crítica de que o Programa não podia ser credenciado porque tinha um professor que não tinha titulação [que era o Egídio Schmitz, lá de São Leopoldo]. Aí o que eu fiz? Na ausência dela, o que eu fiz? Como era na minha área, mandei o meu nome mesmo no recurso. (...) Hoje tudo está normatizado. Naquele tempo, você tinha que trabalhar e ver como é que poderia fazer. Hoje se perdeu a criatividade, ao mesmo tempo em que está normatizado, também se perdeu a criatividade, o élan da música. Hoje a gente faz o dever e ponto. Hoje há normas demais ... As normas devem estar para ajudar, não para impedir. Quando há muitas normas o que a gente faz? Cumpre as normas e ponto. É uma preocupação que naquele tempo não se tinha. Quando se tratou de redigir o Regulamento do Programa para o credenciamento foi muito difícil. Eu me sentei uma tarde no prédio 15, para redigir o Regulamento com a secretária, a Kátia (Matoso). Enquanto eu redigia, ela digitava. Não, ela datilografava! No dia seguinte, esse Regulamento foi enviado prá Brasília! Ninguém sabia fazer. O Direito também não sabia fazer o Regulamento. Depois como o Braz trabalhava comigo, pedi prá ele fazer o do Direito. (Mons. Urbano Zilles, 03/04/2013)

□ (...) Naquele momento [meados de 1980] a gente estava claramente tateando, isso se reflete inclusive no credenciamento que nós tivemos, que é uma história bem interessante. Havia sido encaminhado o pedido de recredenciamento, mas estava empacando, pois havia esta coisa: não havia corpo docente próprio. Como é que uma instituição mantém um curso de Pós-Graduação sem professores? Mas neste momento havia tido uma nova investida, que foi anterior à minha vinda. A professora Luiza Kliemann, e não sei quem mais, tinham feito um novo pedido de reconsideração, com uma nova documentação, uma nova argumentação, pedindo este credenciamento. A CAPES mandou uma comissão para

uma visita in loco para avaliar. Eu me lembro muito bem, pois estava presente, veio a professora Altiva Pilatti Balhana, da Universidade Federal do Paraná, e da USP veio a Maria Beatriz Nizza da Silva (a Mabi), professora portuguesa, inclusive falava com sotaque, especialista em Brasil Colonial, em história sobre família. E as duas vieram, simpáticas, discutiram conosco, e houve uma cena em que, na época, todas as nossas dissertações cabiam numa estante, eram duas ou três prateleiras. Elas então pediram à secretaria para colocar sobre uma mesa. Elas foram “passando” [olhando], e distribuindo em dois montes. Quando tinham feito isso, nos chamaram, para o seguinte comentário: “no Brasil já existem vários cursos de pós-graduação instituídos, de várias áreas, sobretudo História Social” – que também no Brasil estava na moda –, “o que ainda não tem é História da Cultura, e nós olhamos aqui, e vocês tem um número X de dissertações que são História da Cultura, apesar de que” (não me lembro mais a proporção) “tem um número ainda muito grande de História Clássica, História Política, História Econômica, ... mas nós vamos dar um parecer de que sim, o curso de vocês tem estrutura, vocês tem estrutura física, vocês tem todas as coisas que foram avaliadas, vocês tem um corpo docente razoável com titulação. Então nós vamos propor um credenciamento para vocês, mas na área de concentração de História da Cultura Brasileira, ou História da Cultura Ibero-Americana” (isso eu não me lembro mais, mas, em todo o caso, era dentro da História da Cultura). “Só que vocês vão ter de cuidar, de melhorar o índice, ou seja, as dissertações vão ter que, de agora pra frente, se enquadrar nesta temática”. (...) Com esta promessa, nós fizemos uma reunião depois que elas foram embora, porque isto seria avaliado pela CAPES. Elas não estavam dando o credenciamento, porque não tinham competência para isto, mas iam sugerir o credenciamento no parecer delas. Aí o que aconteceu? Nós nos reunimos e decidimos que nós teríamos que cumprir este quesito. (...) Um pouco isso, a gente cuidou dos títulos, ajeitou o curso um pouco. (...) Hoje as coisas são mais sérias (risos). Quer dizer, foi um improviso no bom sentido de cumprir o nosso interesse de sermos credenciados, e de fato fomos credenciados, com esta área de concentração. E também não houve nenhuma maldade de nossa parte, mas nós vimos que cuidando um pouco nesta parte dos títulos, de dar o título adequado, isso fazia parte de nós atendermos à recomendação. (René Gertz, 10/04/2013).

- As [universidades] comunitárias me pediram se eu as acompanhava numa reunião para pedir ajuda para qualificar seus professores. Nesse

pedido eu também fiz um projeto prá PUC. Aí entre 1988/89, veio todo o Conselho Superior da CAPES fazer uma visita in loco. Foi um clima muito tenso, porque segundo eles, depois de uns dois anos eles me contaram que eles tinham vindo prá dizer: olha para a PUC de Porto Alegre, não tem auxílio. Esses seriam somente para a PUC de São Paulo e a do Rio de Janeiro. Depois de três horas de debate e ataques, e eu sempre estava na defesa, mas às vezes passava para a ofensiva. Então a presidente da Capes, Ângela Santana, disse: eu acho que nós nos enganamos. Viemos com uma imagem da década de 1970, mas a PUCRS mudou muito. Diziam que não tinha projeto de pesquisa e outras coisas e eu desmontei na hora, com a presença de outros professores daqui, que trabalhava comigo. E aí nós levamos o bolo. Um bolo que foi bom, porque durante dezessete anos eu gastei esse dinheiro. Levei dezessete anos para gastar! Para mandar os professores para a qualificação, dos quais você foi uma das primeiras, mas teve uma porção. Nesse sentido, eu acho que a Pós-Graduação é algo que deu muito certo. E porque deu certo? Em primeiro lugar os próprios legisladores não tinham muito conhecimento na área, então a Pós-Graduação começou a se autodefinir com pessoas qualificadas. Esse foi, prá mim, o maior segredo do sucesso dos Programas de Pós-Graduação, não só no Brasil, mas no nível internacional também. Porque foram feitos pelos próprios professores. (...) No momento em que você tem pessoas qualificadas elas sabem pensar e o administrador não estraga tanto. É uma legislação posterior aos problemas. Em função das necessidades e a partir das experiências, dos contatos internacionais. Isso é que é interessante! O que foi favorável é que os que se qualificaram naquele tempo, a maioria fez o doutorado no exterior, então eles tinham uma experiência de Pós-Graduação, o que os administradores das próprias universidades não tinham. Isso foi uma vantagem, mas até certo ponto, por que a Graduação não se beneficiou tanto da qualificação dos docentes. Porque a Graduação, sobretudo nas particulares, ela sempre está sob o olhar direto da administração universitária, porque interessa do ponto de vista do rendimento, aspecto que não tem condições de se aplicar na Pós-Graduação, pelo menos não na época. A Pós-Graduação se autoafirmou. (Mons. Urbano Zilles, 03/04/2013)

## O PPGH segundo os Gestores da Universidade

- Muitas coisas a gente tinha que improvisar. Depois, como Pró-Reitor também, porque não havia mentalidade [de pesquisa]. O maior inimigo

quando assumi como Pró-Reitor era eu estar dentro da administração, mas não era má vontade da administração, a gente tinha que mostrar e explicar. (...) Havia muita disponibilidade, os professores se entregavam para a pesquisa e para a Pós-Graduação. Hoje tem uma desvantagem. Naquele tempo havia liberdade que é condição para haver criatividade. Quando se quer regular e delimitar tudo, então se mata a criatividade. Tem que deixar espaço para o pesquisador. O professor universitário ele precisa de um espaço de liberdade para agir, para se dedicar. (...) Durante os dezessete anos que atuei na Pró-Reitoria, o PPGH nunca me deu grandes problemas. Apenas dava problemas quando outras pessoas de fora do Departamento intervinham. Quando se tratou da primeira a avaliação, aí eu tive problemas porque quem não era do Programa queria indicar outros nomes que não tinham qualificação para atuar na Pós-Graduação. Aí eu tive que ser muito firme para enfrentar as opiniões contrárias. Mas a gente tinha que entender que essas pessoas não entendiam da pós-graduação. (...). (Mons. Urbano Zilles, 03/04/2013)

□ Quando eu assumi a Direção da FFCH, o Programa de Pós-Graduação de História era o mais consolidado indiscutivelmente. Era o Programa que tinha na Unidade Acadêmica, sobretudo, mas também na universidade uma boa imagem, uma consolidação, um corpo docente relativamente estável. Tanto é que no meu período, mudou muito pouco o corpo docente. Então a imagem era muito boa, o que não acontecia com os outros cursos da Unidade. A Pós-Graduação estava quase que incipiente. Os únicos Programas de Pós-Graduação da época eram da Filosofia e da História. Não havia ainda o Pós-Graduação em Ciências Sociais nem a especialização em Geografia que foram criados nessa época. Então o Programa de Pós-Graduação de História tinha uma imagem bem consolidada, com o corpo docente estável, a maioria com formação europeia, o que dava um status muito bom para curso. (Thadeu Weber, 29/04/2013)

□ Sem dúvida nenhuma, o conjunto dos Programas de Pós-Graduação na área de Humanidades, de um modo geral, das Ciências Sociais Aplicadas também, prá mim, até por vir da área de Técnico-Científica, sempre foram de uma enorme responsabilidade. A grande expressão de qualidade de nossa universidade vem das áreas de Humanidades, de um modo geral. Não é à toa que História foi um dos nossos primeiros Programas Nota 6. Primeiro foi Letras, que ficou só um Triênio, depois voltou para 5. Há dois Triênios atrás, a História e Medicina foram os

Programas Nota 6. Hoje nós temos sete Programas Nota 6! Mas História foi o primeiro Programa a repetir a Nota 6 e entrar no PROEX! Então, diz muito prá nós! Termos a História e a Medicina no Programa de Excelência da CAPES; é a nata, o que tem de melhor da Pós-Graduação brasileira é quem faz parte do PROEX. A nossa universidade tem a felicidade de ter dois, um deles é a História. Então eu te digo que desde o início, a minha percepção em relação ao Pós-Graduação de História é de enorme respeito, uma sensação de responsabilidade de poder ajudar ou, pelo menos não atrapalhar, na continuidade do crescimento desse Programa e na qualificação que ele atinge ao entrar nesse seletíssimo grupo, que é chamado pela Capes de Excelência Internacional, que são os Programas 6 e 7. (Jorge L. N. Audy, 26/04/2013)

---

No próximo número, junto com a consolidação e desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em História, constarão temas como: *Desafios de hoje e para amanhã; Riscos e vantagens do número de titulados; Tecnologia e inovação na área de ciências humanas; Casos pitorescos; e A História vista de baixo.*